

A AGROECOLOGIA NA ENCRUZILHADA MOLECULAR: ENTRE A SUJEIÇÃO MAQUÍNICA E OS PROCESSOS SINGULARES DE SUBJETIVAÇÃO

*Agroecology at the molecular crossroads: Between machinic subjection and singular processes of
subjectivation.*

Karisa Katiele Lima Venção¹

Robson de Sousa Moraes²

Tayná Michele Rocha da Costa³

RESUMO

Este trabalho resulta dos diálogos no subgrupo “Águas do Cerrado” (GWATÁ – UEG) e propõe elementos para uma subjetividade agroecológica que resista à lógica capitalística. Com base na Filosofia da Diferença (Deleuze e Guattari), busca-se estimular novas formas de pensar, sentir e agir, demandando sujeitos plenos em sua corporeidade, subjetividade, potência de desejo e pensamento. O devir agroecológico requer esse enfrentamento, pautado em tais elementos como caminho à plenitude da vida.

Palavras-chaves: Subjetividade; Desejo; Capitalismo; Micropolítica.

INTRODUÇÃO: Agroecologia e Subjetividade.

Os diálogos sobre Agroecologia, no Brasil e no mundo, ganham cada vez mais expressão e importância. Questões relativas a novas técnicas e tecnologias, experiências construídas por diversos Movimentos Populares, vivências de Povos e Comunidades Tradicionais que recuperam e resgatam saberes centenários, invisibilizados pela Monocultura da Mente (Shiva, 2003), amplamente difundida pela Revolução Verde, se entrecruzam e conflitam com a perspectiva da sociedade produtora e consumidora de mercadorias, diretamente responsável pelo atual conjunto de crises (social, econômica, ambiental, demográfica, política, etc.), que ameaçam a continuidade da vida em nosso planeta.

Um dos elementos que se impõe, nestes diálogos, é a necessidade de uma alternativa para o ato de conhecer, que possibilite e que contribua com o fortalecimento do Sujeito Agroecológico, capaz de superar o produtivismo de mercado, incapaz de lidar com as demandas vinculadas a preservação e conservação ambiental, bem como com a diversidade de Povos, Culturas, Ecossistemas e Territórios. Neste sentido, o Núcleo de Agroecologia e Educação no Campo, GWATÁ, da Universidade Estadual de Goiás (UEG), através de seu

¹ Universidade Estadual de Goiás (UEG), karinavencao@gmail.com

² Universidade Estadual de Goiás (UEG), robson.moraes@ueg.br

³ Universidade Estadual de Goiás (UEG), taunamichele@gmail.com

subgrupo denominado “Águas do Cerrado”, busca estimular novas epistemologias (Boaventura, 2010), que estabeleça novos parâmetros para o sentir, o pensar, o conhecer e o fazer.

Na contribuição apresentada ao XVII Encontro Regional de Geografias Emancipatórias e Desigualdades Socioespaciais num mundo em transformação (EREGEO), o “Águas do Cerrado”, apresenta um esforço de sistematização dos diálogos realizados entre seus membros, na tentativa de jogar luz sobre as linhas de fuga à axiomatização capitalista, procurando maturar formas possíveis para a estruturação de uma subjetividade compromissada com os princípios da Agroecologia, compreendendo que a edificação de uma nova forma de organização social só é possível, a partir da configuração de novas subjetividades compatíveis com as exigências da justiça socioambiental.

METODOLOGIA: Deleuze e Guattari.

O presente trabalho é uma síntese, das ideias que permeiam as atividades do “Águas do Cerrado”, tendo como referenciais teóricos as expressivas contribuições de Gilles Deleuze e Felix Guattari. Busca-se uma revisão bibliográfica extraíndo alguns conceitos apresentados pelos autores, delineados e comentados, principalmente, nos livros: O que é Filosofia (2016); O Ante Édipo (2017); Mil Platôs (2012; 2020); Caosmose (2012); Conversações (2007); Revolução Molecular (1985) e Cartografia do Desejo (2005).

Os conceitos utilizados estão, portanto, imersos em sua origem, na chamada Filosofia da Diferença (Maeso, 2020), arguida pelos referidos autores. Neste sentido, os conceitos são compreendidos como a junção de vários componentes que se articulam na tentativa de resolução de um dado problema (Deleuze; Guattari, 2016). No contexto deste trabalho, o problema que se levanta é a sujeição maquínica que ao capturar os processos que configuram nossa subjetividade, instituem uma lógica do pensar caracterizada por Wandana Shiva (2003) como “Monocultura da Mente”, que dificultam a percepção do diverso e da multiplicidade. A Agroecologia como projeto contra – hegemônica demanda de novas proposições que possa contrastar com o dominante sistema prático – discursivo, abrindo caminho para outras possibilidades que não se limita à lógica destrutiva da sociedade produtora e consumidora de mercadorias.

Os instrumentos conceituais utilizados para tentar possíveis respostas a problemática apresentada são: Desejo; Agenciamento de Poder; Subjetivação; Agroecologia, Corpo e Capitalismo. A interpretação proveniente da composição destes conceitos, tem o potencial de fazer emergir a paradoxal singularidade de múltiplas possibilidades de escapes ante hegemônicas que podem nutrir o Sujeito do Projeto Agroecológico.

RESULTADOS E DISCUSSÃO: O Aparelho de Captura.

O Modo de Produção Capitalista, foi ao longo do tempo, amplamente estudado por diversos autores. A dinâmica do sistema produtivo controlado pela demanda de produção e reprodução ampliada do Capital, intermediado pela Mercadoria e normatizado pelo aparelho do Estado, foram dissecados, sendo a incapacidade desta estrutura social de absorver e incorporar as demandas contemporâneas pela ampliação da Democracia e das garantias do Bem Viver, expostas e reveladas. No entanto, apesar do crescente número de pessoas que

vivem à margem das benesses da sociedade do consumo, da imponente e ameaçadora crise ambiental, dos ininterruptos conflitos armados, das constantes crises econômicas, entre tantas outras mazelas causadas direta ou indiretamente pelo atual regime de acumulação de riquezas, o Modo de Produção Capitalista permanece, não somente intacto, mas desejado por uma significativa parte da população. Como explicar que as vítimas de um sistema estruturalmente excludente, defendam a reprodução continuada de sua própria exclusão? Como a monocultura, o uso indiscriminado de agrotóxico, os desmatamentos e queimadas continuam a se ampliar, apesar da farta e difundida informação de suas trágicas consequências?

Uma possível chave interpretativa de entendimento para esta aparente absurda contradição, está na compreensão dos processos de produção da subjetividade, capaz de moldar formas de sentir, perceber, conhecer, agir, desejar e pensar. A estrutura social dominante, necessita para viabilizar sua perenização e em simultaneidade com a fabricação, circulação e consumo de mercadorias, de sujeitos com desejos elaborados e domesticados por sofisticadas máquinas sociais de captura de subjetividades (Deleuze; Guattari, 2020). Para tanto, a produção do Desejo é aspecto significativo para a existência do Sujeito em sua quase voluntária adesão alienante. No volume cinco do livro *Mil Platôs*, lançado em 1980, na França, e traduzido para o português pela editora 34, em 1997, o filósofo Gilles Deleuze (1925 – 1995) e Félix Guattari (1930 – 1992), fundamentam a ideia da qual as Máquinas de Poder estabelecem mecanismos de agenciamento que elaboram e produzem Desejos que constituem nossa subjetividade, reduzindo nossos corpos a mero organismos capazes de dar respostas habituais aos estímulos recebidos. O corpo seria na perspectiva trabalhada pelos autores minimizado a um aparelho sensório – motor em constante estado de torpor.

O Desejo, no contexto da sociedade capitalista, é produzido a partir da noção de falta que se materializa em um sujeito sempre carente de um objeto, que alçado à condição inalcançável de preenchimento da falta, captura, limita o pensamento, aprisiona o corpo, gerando uma desintensificação afetiva do Desejo, originando indivíduos tristes e descontentes, mas inseridos e de alguma forma reconhecidos e compensados pelas mesmas relações sociais que os limita. Ao se inserir na Máquina Social o sujeito ganha uma rosticidade (Deleuze; Guattari, 2012) com autoridade hierarquicamente estabelecida tal como a de Homem, Pai, Comerciante, Produtor(a) Rural, Médico(a), Professor(a) etc. O Capitalismo nos rostifica. O corpo é rostificado pela Máquina Social. Produção de Desejo, Máquina Social, captura da subjetividade, corpos organizados em funções sensórias – remoto, são entre outros, condições fundamentais e basilares para a (re)produção do sistema capitalista. A reprodução da dinâmica estruturante da sociedade só é possível pela integração subjetiva ao processo de produção.

A rostificação integradora cria as identidades como sujeitos da enunciação pré-estabelecidos por um dado agenciamento organizado do poder. A busca pelo reconhecimento constitui uma autoridade portadora de um investimento libidinal do poder a procura de recompensas que preencha seu Desejo sempre em falta. O Desejo ao investir no poder, reproduz a sujeição social que assimila os indivíduos em suas engrenagens técnicas, garantindo a reprodução capitalista. A sujeição social pela servidão maquínica não consegue ultrapassar os limites de meras reivindicações sociais limitadoras da potência do agir e da axiomatização capitalística (Deleuze, 2020).

Em nossos dias, os poderes têm menos necessidade de nos reprimir do que de nos angustiar. Ao administrar nossos terrores íntimos, se apoderam dos sujeitos a partir de sua

subjetividade, se apropriando de nossas cargas de Desejos que modelam nosso investimento libidinal. Identidade, reconhecimento e axiomatização são os limites aceitáveis pela Máquina Social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: A Micropolítica e a subjetivação agroecológica.

A dinâmica contemporânea da acumulação capitalista não admite a possibilidade de formas originárias e autênticas do ato de existir. A racionalidade instrumental e o arrogante Antropoceno, denunciada por Ailton Krenak (2020), o estrangulamento da Natureza pela demanda de crescimento econômico, combinada com a insegurança alimentar e o desaparecimento de espécies da fauna e da flora (Marques, 2009), são sintomas da “queda do céu”, apontado pelo povo Yanomami (Kopenawa; Albert, 2010). A Agroecologia, neste sentido, se converte em uma importante estratégia para “adiar o fim do mundo” (Krenak, 2020). A estratégia Agroecológica ante hegemônica, necessita de corpos, pensamentos e desejos constituintes do Sujeito Agroecológico, uma nova e inédita gramática social, portadora de enunciados plenamente ajustados com a justiça sócio – ambiental. A alternativa para uma nova estrutura social não está dada, é preciso construir. Estimular linhas de fuga e contra poderes que não são capazes de assimilação pela axiomatização capitalista. Utilizar a autoridade conferida pela rusticidade para novos enunciados, portadores de novos afetos e encontros potencializadores da grafia de outros desejos. Abrir caminho para novas percepções de um devir hoje minoritário, instituir uma prática política (micropolítica) que subverta a produção subjetiva dominante, promovendo outras direções possíveis para o investimento libidinal desejante. Refundar o fazer político em bases moleculares, descentralizadas e plurais.

Um projeto social agroecológico, demanda uma desterritorialização – reterritorialização – territorialização do devir subjetivo, do saber conhecer e do sentir em constante e ininterrupto movimento. Um projeto agroecológico se insere na dimensão Ecosocialista (Lowy, 2014), que se atreve a singularizar e contrastar com a abstrata generalidade técnico – moderna – capitalista. O questionamento agroecológico ao sistema capitalista vai além da denúncia e das lutas políticas e sociais de grande escala, ou seja, molar. A micropolítica, não exclui o molar, mas se ampara em uma práxis molecular da formação de Desejos no campo social (Gauattari; Rolnik, 2005). O desafio agroecológico está, portanto, no agenciamento entre a epistemologia e ontologia e as brechas sistêmicas para as linhas de fuga anti-sistêmicas estão se alargando. Aproveitá-las para uma ruptura estruturante vai depender da capacidade de criação tático – estratégico. A luta para adiar o fim do mundo segue seu curso.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *O que é Filosofia*. São Paulo: Editora 34, 2016.

_____. *O Anti Édipo*. São Paulo: Editora 34, 2017.

_____. *Mil Platôs*. Volume 5. São Paulo: Editora 34, 2020.

_____. *Mil Platôs*. Volume 3. São Paulo: Editora 34, 2012.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 2007



GUATTARI, Felix; ROLNIK, Sueli. *Micropolítica: Cartografia do Desejo*. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

GUATTARI, Felix. *Caosmose*. São Paulo: Editora 34, 2012.

_____. *Revolução Molecular: pulsações Políticas do Desejo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A Queda do Céu*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LOWY, Michel. *O que é Ecosocialismo?* São Paulo: Editora Cortez, 2014.

MAESO, Benito E. A. *As diferenças em Comum*. Curitiba: Editora Appris, 2020.

MARQUES, Luis. *Capitalismo e Colapso ambiental*. Campinas: UNICAMP, 2009.

SANTOS, Boaventura S; MENESES, Paula M. *Epistemologias do Sul*. São Paulo. Editora Cortez, 2010.

SHIVA, Vandana. *Monoculturas da mente: Perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia*. São Paulo: Gaia, 2003.